

01 coleção *f*ALA

Crônicas

Rubens Giaquinto

São só garotos

Cérbero

Cérbero

Aos meus avós
Natal Giaquinto e Adelina Guiaquinto

São só garotos

Crônicas de
Rubens Giaquinto

Ilustrações:
Poliana Guimarães
Desenho em vetor e bitmap

Caro leitor e cara leitora,

Convido você a uma leitura agradável, fluida, leve e, ao mesmo tempo, séria, reflexiva. Leonardo Boff, em seu livro, *A águia e a galinha*, afirma que "a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam". O autor, Rubens Giaquinto, deixa claro que suas palavras estão encarnadas de uma realidade vivida por ele. Não são vazias, não são de quem apenas observa os fatos. Seus pés pisam a periferia, os locais de vida dos que sofrem as consequências de um país marcado por profunda desigualdade social. Há uma escrita que carrega a indignação com as injustiças testemunhadas por ele em sua vida cotidiana.

Crônica por crônica, há um convite a olhar a realidade sob o ponto de vista dos "esfarrapados do mundo". A falta de ética dos jovens da elite, que tentam levar vantagem sobre a funcionária da limpeza do shopping, o olhar do segurança que cotidianamente desconfia de cada negro que passa, o garoto das quebradas que chega ao cursinho pré-vestibular frequentado pela classe média e luta para se afirmar num espaço que não o acolhe, que o expulsa todos os dias, negando sua cultura, seu universo vocabular, seu jeito de ser, sua condição social, levando-o a uma morte brutal.

A discriminação que mata está presente em seu texto. O jogo da pequena política está retratado em sua narrativa. Mas está presente também a doçura do acolhimento ao cãozinho que, inesperadamente, chegou, conquistou seu espaço e mostrou-se um companheiro inseparável e do qual já não é possível abrir mão.

O autor choca, deixa-nos indignados, mas, ao mesmo tempo, é capaz de despertar ternura e emoção. Vamos lendo como quem está numa conversa gostosa com o cronista. Prazer de ler e reflexão se juntam de um modo feliz. Só posso dizer aos leitores e às leitoras que vale a leitura de cada texto.

Aceite o convite. Leia as páginas que seguem. Há denúncia, mas há também anúncio e esperança em suas palavras. Boa leitura!

Angela Biz Antunes
Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire

Nota da editora

A Cérbero Edições tem imensa satisfação em apresentar a Coleção Fala, que pretende dar voz e oportunidade para publicação de escritores colocados à margem da sociedade e do mercado editorial tradicional. Aberta às urgências e demandas sociais, pretende ser um veículo para a manifestação do ativismo social e identitário, mas, sobretudo, da expressão sensível e lúdica daqueles que, para além das fileiras acadêmicas e dos voos mercadológicos, preservam em si o humano e o externam através da palavra escrita.

A coleção busca os que não puderam ou não desejaram fazer parte do estabelecido como norma, do aceitável, do digerível, do sensato, do belo, do visível, do prestigiado, do “correto”..., todos aqueles que escapam ao enfileiramento massificador do estado das coisas.

É com muita honra que trazemos, nesse primeiro volume da Coleção, as crônicas de Rubens Giaquinto, que, a despeito de toda qualidade literária exigida, espelha - como artista, ativista social e educador empenhado na inclusão de jovens através da arte - todos os parâmetros de escritores que pretendemos acolher e partilhar.

Cérbero Edições



São só garotos

Estudo em uma escola de música, localizada em um bairro dito 'nobre'. Dessas denominações mais imperiais que rondam nosso mundo contemporâneo. Esse bairro abriga lojas de roupas e bolsas, de marcas famosas, ao gosto dos moradores locais. Há também um shopping, que todos dizem, frequentado pela fina flor da burguesia. Acho que encontramos mais emergentes neste espaço que qualquer outra coisa. Uma gente que só enxerga o próprio umbigo. Daquelas que acreditam ser o suprasumo da sociedade. Esse shopping, como não poderia deixar de ser, reproduz a sociedade desigual, com mão de obra moradora da periferia e frequentadores-ostentação. Existe também um colégio católico, com mensalidades astronômicas, onde estudam os filhos da elite.

Muitas vezes, passo por dentro do shopping, para cortar caminho em direção à escola de música. Sempre passo sob o olhar sanguinário do vigia, quase sempre, um negro como eu.

Dia desses, estava eu na praça de alimentação, quando ouvi uma discussão. Estranhei, pois eram três meninos com uniformes do colégio católico, um segurança, uma moça da limpeza e outra mulher.

Um dos meninos gritava, ou melhor, berrava, que queria outro lanche de qualquer forma. Dizia que a moça da limpeza tinha jogado seu lanche no lixo. Fiquei de longe, tentando entender o que

se passava. Foi quando veio uma atendente de um fast-food e enfrentou os meninos. Estava tudo muito confuso! Depois de algum tempo comecei a entender o caso. A atendente explicou-me como funciona o golpe dos meninos.

Eles compravam um lanche em uma loja de fast-food. Até aí, nada de mais! Sentavam à mesa e, quando estavam pra terminar o lanche, levantavam e ficavam de longe, observando o pessoal da limpeza se aproximar pra limpar a mesa. Nessas praças de alimentação, o pessoal da limpeza é orientado para limpar constantemente. Levantou alguém, lá vem o pessoal da limpeza com o pano na mesa. E os meninos, como frequentadores do shopping, conhecem bem este funcionamento. Eles esperavam o pessoal da limpeza retirar os restos do lanche, deixados de propósito, para acusá-los de jogarem o lanche no lixo. Exatamente isso! Estes meninos ricos dando golpe em gente trabalhadora. São inteligentes e conhecem as regras do jogo e um pouco das leis. O mais velho deles exigia que a moça da limpeza pagasse outro lanche pra eles. Mas, uma atendente interveio e disse que não era a primeira vez que eles aplicavam este golpe no pessoal da limpeza. Eles ameaçaram chamar os pais, caso outro lanche não fosse servido, e um deles disse que seu pai era juiz. Fiquei impressionado com a cena. Um menino, de no máximo treze anos, usando a lei para dar um golpe numa trabalhadora. Reproduzindo o que sempre foi feito nestes 500 anos de invasão.

Com a confusão estabelecida, foi chegando mais gente. E quem se aproximava ficava logo sabendo da história.

Neste dia, eles não tiveram êxito. Saíram revoltados e impunes e ainda disseram que iriam tomar 'providências' contra esta

espelunca de shopping. Um deles repetia que seu pai era juiz e que isso não iria ficar assim.

Aí, fiquei imaginando um desses meninos, ocupando postos estratégicos na sociedade, pois eles, muito em breve, estarão preparados pros melhores vestibulares e concursos. Saí pensativo em direção à escola.

Porém, o que mais me impressionou foi o silêncio que se abateu sobre a praça de alimentação, sempre tão ruidosa. Além da atendente do fast-food, não vi mais ninguém defender a trabalhadora da limpeza. Aliás, foi com coragem que ela escancarou o golpe que os meninos aplicavam havia tempos.

Entendi o que é a luta de classes na prática. Nesse dia, entendi o que é a Casa Grande. Nesse dia, entendi que há muito por fazer ainda. Nesse dia, entendi que os de cima jogam duro mesmo. Que os de baixo estão pagando a conta há vários séculos. De um lado, um silêncio absurdo, e do outro a solidariedade da atendente lutando contra as injustiças do cotidiano. Por outro lado, impressionou-me, mesmo, a conversa de três mulheres, destas hedonistas típicas que andam de verde e amarelo, com cartazes contra a corrupção e falam que aeroportos viraram favelas, que indignadas diziam: _ Que absurdo o que fizeram com estes meninos lindos. São só garotos!

Menino do Rio



Filho único. Seu pai era dono de quase todos os bares e mercearias das quebradas. Sua mãe vivia pra ele. Ela perdera dois filhos. Fazia todos os seus gostos. Ele crescera cercado por todos. Da família aos amigos. Era uma espécie de joia rara das quebradas. A mãe natureza foi bondosa com ele. Simpático, conquistava tudo e todos. Na sua comunidade ajudava os que mais precisavam. Ele era, literalmente, o cara. Ali não tinha pra ninguém. Sua mãe planejava seu futuro com o maior carinho. Seu pai trabalhava duro, para não lhe faltar nada. Ele era criado literalmente como um playboy. Mas nunca isso subiu à cabeça. Ele era preocupado com todo mundo.

O tempo foi passando. Ele pouco saiu das quebradas. Seu mundo era ali. Estudou, brincou e cresceu praticamente ali. Tudo ao seu alcance. Nem viajar para algum lugar. A escola era do lado de casa. Foi do jardim ao terceiro numa boa. Vivia na maior tranquilidade, mermão !!!!

Era bom de bola. Seu time campeão varias vezes. Não tinha pra ninguém. O cara era o terror no futebol. Principalmente, futebol de salão. Ágil como o Falcão. Ele gostava tanto de futebol de salão, que construirá uma quadra, em um dos terrenos do seu pai, na comunidade. Ali ele viveu os melhores dias da sua vida.

Sua mãe sonhava com seu filho doutor. Ela tinha um sonho, de vê-lo estudando numa faculdade. Dessas que ela nunca teve oportunidade de estudar. Ele nem pensava nisso. Ele de certo ponto, era até simples. Apesar da boa vida. Ele pensava em tocar os

negócios do pai. Pronto. Já basta. Sua mãe insistia. Quero ver vc doutor. Ele, para não brigar com ela, aceitou. Na semana seguinte foi fazer matricula num desses cursinhos caros da cidade.

O primeiro grande choque. Ali, ele não era ninguém. Ninguém o tratava como na sua quebrada. Ele era mais um. Talvez, menos um. As pessoas eram completamente diferentes daquelas que ele fora criado. Lá na sua quebrada todo mundo era praticamente igual. Aqui, ele sentia que não.

Os meses foram passando. E a tristeza foi abatendo sobre ele. Ele não entendia como a vida funcionava. Por que as pessoas o discriminavam. Ele não entedia a questão de classe e da sua cor. Quase ninguém trocava ideias com ele. Muitos riam das suas gírias e do seu modo de falar. Ele se apaixonou pela menina mais bonita do cursinho. Foi outra grande decepção. Numa das conversas com ele, ela mandou ele se enxergar no espelho. No mesmo dia, ele ficou horas se olhando no espelho. Ele não encontrara nada de errado.

Aquela vida boa de outrora. Já não era tão boa assim. Ele começou a entender como as pessoas são duras fora da sua comunidade. Descobriu que era filho adotivo, nessa mesma época que descobrira a discriminação. Seu mundo caiu. Não sentia mais calor e nem frio. Para não ver a mãe triste, não desistiu do cursinho. Naquela semana fez a inscrição para direito na universidade federal. Sua mãe era só alegria. Ele era só disfarce.

No final do ano todo cursinho tem festas e comemorações. Ele animou. Comprou ate uma bermuda da moda. Cortou o cabelo. Correntinha de prata e um pisante da hora. Fazia tempos que ele não animava desse jeito.

Como tinha poucos amigos no cursinho, comprou quatro

entradas para levar a moçada da sua comunidade. Teria show ao vivo de uma banda de rock famosa e uma cantora de axé. Ele estava todo animado. O show seria num lugar distante da cidade. Precisaria ir de carro. Foi o que ele fez. Colocou os amigos no carro e foi pra festa.

Logo na frente da estrada, perto do show, aconteceu o roubo de um carro parecido com o dele. Que azar. A policia “confundiu” os carros e os meninos. Já chegou atirando, sem ao menos parar o carro e fazer uma averiguação. O saldo foi um terror. Foram todos mortos.

A policia alegou que os carros eram parecidos e os meninos estavam de bonés. Também, claro, eram todos negros.

Nosso herói morreu. Era um menino boa gente. Morreu sem entender a selva de pedra onde foi jogado. Na cabeça dele todo mundo era igual. Todo mundo era gente boa. Todo mundo era solidário.

Nos jornais, que quase sempre falam mentiras, a manchete era que tinham passagens na policia. Que eram suspeitos do roubo do carro. Ele, ao contrario, não fazia mal a ninguém. Sua mãe caiu em depressão profunda. Seu pai vendeu todos os seus bens e foram para a cidade onde nasceram.

Ele morreu sem saber que o racismo, é a pior doença da sociedade. Ele nem sabia que sofrera racismo. Morreu sem saber do ódio que assola as pessoas. Ele morreu como um bandido. Na cabeça dele, só queria ser feliz e fazer sua mãe feliz. Só não contava com essa guerra diária que mata, faz sofrer e tira a felicidade de muita gente.



O aniversário do Michel

Na minha casa tinha um cachorro que só faltava falar. Era um vira lata puro sangue. Encontrei-o na rua, com um olhar perdido, pra lá de Marraquexe. Aparentemente ele não tinha nada de especial. Esteticamente, nenhuma madame apaixonaria por ele à primeira vista.

Estava na Pampulha, fazendo um cooper. E estava animado, pois seria um fim de semana agitado. Teria Atlético e Cruzeiro, show do Pearl Jam e Comida de Boteco. Um fim de semana daqueles que os deuses mulatos adorariam.

Parei o carro longe da pista de cooper. E fui caminhando tranquilo. Sem pressa alguma, deixando rolar naturalmente. Aliás, pressa não me interessa. O melhor a fazer é caminhar contemplando a paisagem e cantarolando um belo samba de Noel Rosa. Foi uma hora e meia de pura serotonina.

De volta ao carro, pra ir embora, abri rapidamente a porta e, pra minha surpresa, um cachorro pulou pra dentro. Nunca tinha visto aquele cachorro antes. Como assim? Como um velho amigo, o cachorro foi entrando, sentando e pedindo: “vamos embora pra casa”.

Na hora tive a reação de colocá-lo pra fora. Mas, quem disse que o cachorro queria sair? Começou a rosnar e a balançar o rabo ao mesmo tempo. O que fazer? Então resolvi ir embora. E no meio do caminho colocaria o cachorro pra fora, pensei comigo. Mas, não tive coragem! O cachorro ficou e foi até a minha casa.



Poxa, não tenho condições de ter um cachorro. Além de tudo, eu não comprei, não pedi e não ganhei. O cachorro simplesmente apareceu do nada. Seria um carma? Eu teria que cuidar desse cachorro? Tudo bem, hoje ele dorme aqui, mas amanhã eu arrumo um lugar pra ele.

Anoiteceu. Arrumei um lugar no quintal. Coloquei água e comida. O cachorro ficou todo feliz! Parecia que realmente era meu há muito tempo. Que cachorro folgado! Fui ao show do Peral Jam. Showzaço! Voltei cansado e tinha até esquecido do cachorro. Estava esgotado aquele dia. Cheguei em casa e fui dormir. Depois de algum tempo o cachorro começa a chorar no quintal. Então coloquei-o pra dentro de casa, precisamente no meu quarto. E o cachorro estava com um mau cheiro daqueles! Pelo menos não estava mais chorando. E eu voltei a dormir. E no dia seguinte levaria esse cachorro embora.

Passaram-se muitos dias. O cachorro tornou-se meu grande amigo. Ele era inteligente, perspicaz, só faltava falar. Confesso que ele me ganhou. Acabou ficando lá em casa. Fazia coisas incríveis. Até parecia cachorro ensinado. Coloquei nele o nome de Michel Foucault. O bicho era inteligente pra caramba e merecia tal nome.

Um dia, assessores do vereador do bairro passaram na minha casa, fazendo o cadastro dos moradores. Eu, honestamente, dei os dados na boa. Na época morava eu e minha vó. Esse vereador é um típico picareta e, embora do bairro, nem sabia quem era minha vó. Mas ligava na data do seu aniversário. E a minha vó achava o máximo! Eu ficava muito revoltado com aquela situação e até arrependido de ter passado os dados pessoais para os assessores cadastrarem. Na época, acreditei que seriam usados para algum projeto relevante no bairro. Não era. Era apenas a velha forma de fazer política, usando a boa fé das pessoas.

E como mostrar pra minha vó, que esse vereador, não é essa pessoa bacana que ela pensa? Que ele é um político desonesto, que trabalha contra a maioria da população do bairro? Então, num determinado dia, a assessoria do vereador passou atualizando os cadastros. Esta seria a chance de mostrar pra minha vó que esse vereador não vale uma pataca. Então, nesse novo cadastro, tirei o nome da minha vó e coloquei o nome do meu cachorro. O Michel Foucault.

Passou quase um ano quando eles voltaram a ligar pra minha casa. E quem sempre atendia o telefone era minha vó.

Alô, bom dia! - Bom dia! - Queria falar com o seu Michel, por favor. - Michel? Tem ninguém aqui como esse nome não. O que o senhor deseja? - Aqui é do gabinete do vereador. - Sei. - Queríamos parabenizar o senhor Michel Foucault pelo seu aniversário. - Aniversário? - Sim, desejamos tudo de bom para o senhor Michel. - Uai, esse é o cachorro do meu neto.

O assessor, do outro lado da linha, ficou mudo. Ele sacou que tinha caído numa armadilha. Nesse momento eu peguei o telefone e agradei pela lembrança do aniversário do meu cachorro. Fiquei triste pela minha vó. Ela achava que o vereador só ligava pra ela, no dia do seu aniversário. Que era uma ligação especial. Que ele realmente lembrava da data. Ficou decepcionada. Logo entendeu que era um golpe. E que eles ligavam pra todo mundo. Não importava se era gente, cachorro, papagaio. Nesse dia caiu a ficha pra ela.

Ainda lembro-me desse caso com tristeza pela minha vó. E também fico triste pela maioria do povo brasileiro. Para os políticos, como o vereador do meu bairro, não passamos de um número e de dados cadastrais. Eles nem sabem que existimos como pessoas de carne e osso. Acho que precisamos ler muito Michel Foucault.



Desprezados

Era um belo sábado de sol em Belo Horizonte. Desses sábados pra você curtir um grande show de jazz. E foi o que eu fiz, junto com meu amigão Luciano, grande baterista. Ele sabe tudo de música. E eu aprendo muito com ele. Iríamos assistir ao show do Trio Corrente, excepcional grupo de música instrumental. Fazia um calor de verão em Belo Horizonte, em pleno outubro. Mas à noite, sempre fica mais ameno. Como o show seria às 20h, o clima ficaria excelente para ouvir uma música bem executada.

Iríamos encontrar com mais algumas pessoas, que também gostam de música instrumental e jazz. Como essas pessoas eram de outro lugar e estavam em um hotel no centro, preferi ir a pé para buscá-los. Era um casal de nigerianos, que não conheciam o Brasil, muito menos Belo Horizonte. Como o show seria perto do centro da cidade, convidei-os para irmos caminhando até o local. Eles toparam. Iríamos fazendo um tour pela cidade das montanhas. De longe eles avistaram a praça da liberdade, localizada no ponto mais alto da cidade. O palácio do governo, que tem arquitetura em estilo neoclássico, está abrigado ali. A praça é muito singular. Um lugar mágico que contagiava as pessoas. Ainda conta com um coreto e uma fonte luminosa, inspirada no palácio de Versalhes. O casal de nigerianos estava maravilhado. A todo momento tiravam selfs, que enviavam à Nigéria.

Só que uma desagradável surpresa iria acontecer em segundos. Saímos da praça em direção ao local do show e, em frente a um restaurante tradicional da capital, ocorreu uma cena

lamentável. Cena que talvez ocorra nas grandes metrópoles todo dia. Gente pobre pedindo esmolas. Infelizmente, acostumamos com essa desigualdade que assombra nossos corações e naturalizamos o fato.

Uma senhora e uma criança estavam pedindo um prato de comida. Queriam alguma coisa pra comer. De repente, na direção contrária, aproximou-se um casal com dois carrinhos de bebê. Aí eu pensei: Tá resolvido o jantar da senhora e da criança. Como eles também estão com crianças, serão solidários, com certeza. Ledo engano!

Eles começaram a xingar a senhora e a criança e pediram para sair da frente, que estavam atrapalhando a passagem. A criança curiosa para ver os bebês no carrinho, correu e foi até onde eles estavam. Para nossa surpresa, os bebês não eram bebês. E a criança levou um susto e uma mordida. Nos carrinhos estavam dois cachorros. Isso mesmo, dois cachorros. O casal, enfurecido com a criança e com a situação, continuou a xingá-los: “Sai para lá, seu malvestido”. Na hora intervimos e saímos com a senhora e a criança do local. E o casal desapareceu com os dois carrinhos de bebê. Provavelmente com medo de alguma retaliação ou providências mais enérgicas. Naquela hora, preocupei-me mais com a criança e a sua reação diante daquela arbitrariedade. Sinceramente, fiquei sem saber o que fazer naquela situação. Fiquei atônito pelo menos alguns minutos.

Conversa pra La e conversa pra cá, acalmamos a senhora e a criança. Oferecemos dinheiro pra eles jantarem e seguimos calados para o show. Chegando no show, encontramos o Luciano, que não sabia da história. Ele só falou que seria a terceira música. Apresentei o casal de nigerianos a ele e sentamos.

Para minha surpresa e obra do destino, a música a ser tocada era do mestre Pixinguinha. Meu astral começou a melhorar novamente. Comecei a entrar no clima. Quando finalmente anunciaram qual seria a música: “Desprezado”.

A vida imita a arte. Neste país tão desigual, Pixinguinha já tinha dado o recado há tempos atrás. Os desprezados existem desde sempre. E provavelmente serão muitos, com a direita no poder. Viva o mestre Pixinguinha!



O velho e o show

Ele era um velho boa praça. Morava sozinho em Santa Tereza. Gordinho, daqueles que não fazia dieta. Sua glicose quase sempre estava alterada. Ele era um apaixonado pelo rock and roll. Tinha vários bolachões, que valiam ouro.

O seu pequeno apartamento, perto de onde nasceu o clube da esquina, parecia um estúdio de gravação. Tinha várias guitarras fender e gibson, um baixo e uma bateria. Legado da época que tinha uma banda de garagem. Seu sonho era fazer sucesso com a música. Acabou funcionário público do Banco do Brasil. Ele nunca reclamou do seu trabalho. Mas, agora, aposentado, entrou para uma escola de música, para aprender tocar direito sua guitarra branca stratocaster, da fender. Seu maior sonho é solar uma música do David Gilmour.

No prédio onde mora, ele tem um grande amigo, o Tales. Um adolescente que mora só com o pai. E seu pai odeia rock. Acha uma música barulhenta. Ele é apaixonado por música sertaneja de raiz. Só que Tales ama rock. Ouve o dia todo. Tales foi apresentado ao rock pelo seu Tadeu. Ele tinha cinco anos de idade. Seu Tadeu aplicou logo o MotorHead. Foi paixão a primeira vista.

Tales tinha dado uma sumida de seu Tadeu, justamente por ciúmes do seu pai. Que falava que “aquele velho maluco está levando vc pro mau caminho”. Foram uns três meses sem falar com seu melhor amigo. Os dois estavam super angustiados. O pai de Tales foi muito duro com ele. Cortou a mesada e a guitarra neste período. Guitarra que tinha ganhado do seu Tadeu.

Seu Tadeu estava muito triste com esta história de não poder conversar mais com Tales. Prometera que iria encarar o pai dele dia desses. Ficava treinando no espelho como iria encarar aquele homem forte e rude e de poucas palavras. Nestes vinte anos morando no mesmo prédio, eles pouco conversaram. Só conversaram no dia do enterro das mulheres. Os dois eram viúvos. Não tinham quase que parentes e o que ligava os dois eram a solidão e o Tales.

Numa madrugada fria e chuvosa seu Tadeu observa da janela luzes vermelhas de ambulância. Por alguns segundos fixou seu olhar para fora do prédio, para saber o que se passava com aquela ambulância estacionada em frente. Como não sabia o que estava acontecendo, resolveu ir até a portaria e perguntar ao porteiro:

- Seu Edinho, tudo bem? O que está acontecendo?

- O pai do Tales sofreu um infarto e está sendo levado para o hospital.

Seu Tadeu não pensou duas vezes. Correu até o apartamento do Tales.

- Tales, meu filho, vc tá bem?

- Sim, estou. Papai é que não está nada bem.

Seu Tadeu se aproxima do pai do Tales, deu-lhe a mão e falou baixinho:

- Vai ficar tudo bem. Fique tranquilo. Vou cuidar do Tales.

Ele respondeu com um pequeno sorriso e um olhar de gratidão.

Passados dois meses no hospital em que ele operou do coração, estava muito bem e pediu ao Tales que chamasse seu Tadeu para uma visita. Tales nem acreditou no que escutou. No mesmo dia avisou o senhor Tadeu, que correu até o hospital.

Chegando, foi logo abraçando o pai de Tales. Os dois conversaram horas e horas a fio. Deram gargalhadas, falaram sobre suas mulheres, futebol e tantas outras coisas. Mas o que mais surpreendeu foi a confissão do pai do Tales.

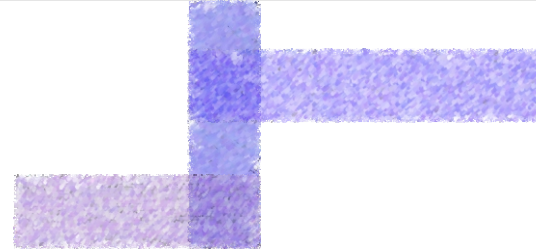
- Seu Tadeu, vou lhe confessar uma coisa.

- O quê?

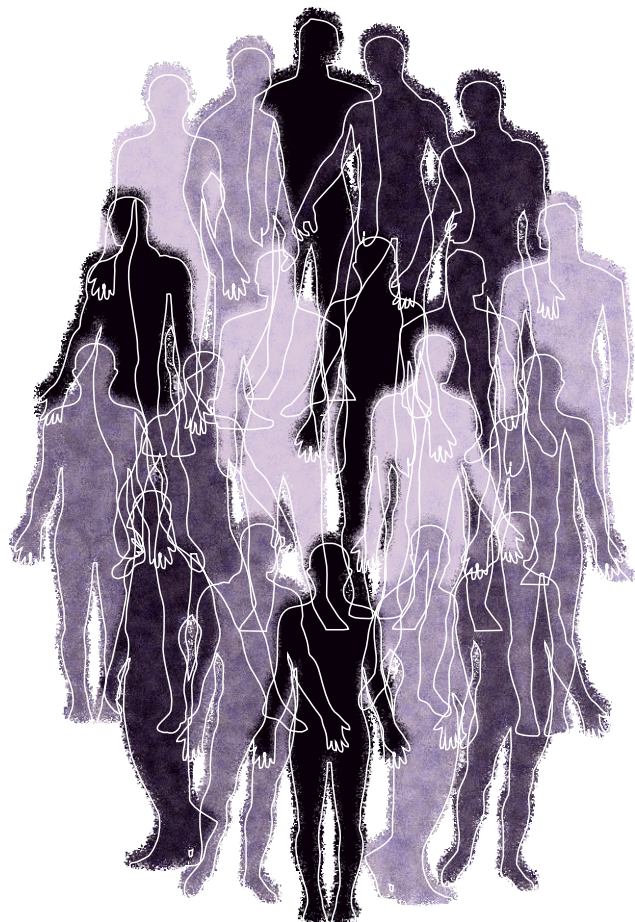
- Eu amo rock.

- O quê?

- Amo rock.



Os pedreiros



Sempre que começa a primavera minha alma fica mais leve. Penso que tudo vai melhorar e que as pessoas ficarão mais alegres, solidárias e fraternas. Eu sei que isso é delírio puro, mas um pouco de otimismo não faz mal a ninguém.

Voltando de um show muito massa que fiz para estudantes de uma escola pública, esse meu espírito estava mais aguçado e mais leve. Estava eu pensando em como a vida das pessoas pode e dever ser melhor. Estava cantarolando uma música dos Paralamas: “eu quis dizer, vc não quis escutar...”.

Mermão, tudo mudou em segundos. Pertinho da minha casa está em atividade uma grande construção de apartamentos. A tal verticalização das cidades. A especulação imobiliária. E logo ali nasceu o clube da esquina. Mas o bairro ainda conserva casas no modelo antigo. Bem legal.

Voltando ao meu espanto, vejo dois pedreiros aos gritos. Palavrões estilo cinderela arrependida e coisa e tal. Parei bem distante para ver a cena dantesca. Estavam discutindo sobre futebol. Neste momento do campeonato brasileiro onde galo e raposa estão em posições bem opostas. Esse era o motivo da discussão. E o 'pau comia' legal.

Falaram mal da mãe um do outro, mandaram tomar naquele lugar, ameaçaram sair na mão, e isso tudo aos berros. Parecia UFC de graça na praça. A rua foi enchendo, enchendo de curiosos para ver a briga dos pedreiros. Fisicamente eram bem parecidos. Acho

que eram amigos do mesmo bairro e, ao que parece, o grau de escolaridade deve ser o mesmo. Como se diz por aí, eram da mesma envergadura e do mesmo peso.

Mas, engano meu. Um tinha uma 'arma letal', que ele usou sem dó e sem piedade. No meio da discussão, o pedreiro negro de pele mais clara, xingou o outro pedreiro, negro retinto, de tudo o que você pode imaginar quando alguém discrimina uma pessoa pela cor da pele. Fiquei sem acreditar. E o outro pedreiro foi murchando, murchando, murchando, ouvindo todos aqueles impropérios no maior silêncio.

Aquilo foi como uma bomba nuclear. A questão racial no Brasil é tão cruel, que, entre os iguais, existem os mais iguais que os outros. A reprodução do racismo torna-se cruel, perversa, oprime e faz sequelas profundas.

Nesse meio tempo, o "dono da obra" veio intervir na discussão. E falou mais alto a voz do capitalista, cujo dinheiro não é capim, “pras mocinhas não fiquem brigando” no horário de trabalho. “Dois negão, homens veio de guerra brigando por causa de time. Esqueceram que time não enche barriga de ninguém?” O outro pedreiro, para ir à forra, disse o seguinte: “Tá vendo, você é negão também”. O outro pedreiro ficou calado.

Eu sai, cabisbaixo, ainda sob o impacto da cena, pensando que há muito que fazer ainda. O primeiro dever de casa é unir a classe trabalhadora, pois do contrário vamos passar séculos e séculos brigando entre nós, brigando entre categorias. Enquanto isso, os senhores da guerra ficam tranquilos, pois sabem que aqui embaixo as leis são diferentes. O Haiti é logo ali!



Perdeu, perdeu, perdeu

No último fim de semana estava em um ponto de ônibus, numa avenida movimentada em Belo Horizonte. Era sábado à noite e, no ponto, éramos mais ou menos seis pessoas. Lembro-me de duas senhoras, dois jovens, eu e uma outra pessoa.

Eu sentia o medo que as duas senhoras estavam dos dois jovens, que estavam como os nossos jovens urbanos contemporâneos andam: usavam boné, calça estilo skate, camisa folgada e correntinha no pescoço. Estavam às pampas, tranquilos, fazendo seus planos para a balada. Estavam brincando um com o outro, enquanto as duas senhoras estavam, aparentemente, em pânico. Foi quando uma delas chegou bem perto de mim e disse:

- Moço, tudo bem?

- Tudo.

- Você não está com medo?

- Medo de quê?

- Desses dois aí. Desses delinquentes.

- Que delinquentes, minha senhora?

- Desses assassinos. Você não vê o Datena?

- Datena!?

- Sim, o Datena.

- Não, eu não vejo o Datena, senhora.

- Deixa a gente ficar perto de você. Pode?

- Tudo bem minha senhora. Mas, os meninos não vão fazer nada. Eles estão querendo se divertir, namorar, vão pra balada.

- O senhor é que pensa. Eles vão nos roubar.

- Fique tranquila, minha senhora.

De repente, como em um conto de Machado de Assis, para um carrão, último tipo, parecia novinho em folha. E desce um carinha, estilo galã de novela das oito, gritando:

- Perdeu, perdeu, perdeu. Todo mundo quieto, passando o celular, dinheiro, relógio.

O carinha branquinho e boa pinta fez a limpa na gente! Pura ironia do destino. Nem o genial Nelson Rodrigues escreveria um conto desses. Foi aquele pânico, aquele susto. As duas senhoras não paravam de chorar. O bandido galã levava tudo de todos nós. Elas não sabiam o número de nenhum telefone. Estava tudo no celular! Alias, hoje em dia ninguém sabe mais número de telefone 'de cabeça'.

Chamamos a polícia, que não serviu pra quase nada. Se fosse uma manifestação, com certeza, a polícia teria sido mais 'enérgica'.

Enfim, depois de um tempo, a mãe de um dos jovens, que as senhoras estavam com medo, chegou ao local. Foi muito solícita

conosco, ofereceu-nos dinheiro para o ônibus e carona para as duas senhoras.

Eu, com aquele olhar de Capitu, as vi dentro do carro com os dois meninos, que meia hora atrás eram bandidos, delinquentes...

E eu fiquei ali, à espera do ônibus, pensando em como a vida nos ensina. E veio logo à mente aquele velho ditado: “Deus escreve certo por linhas tortas”.

Neste último fim de semana, aquelas senhoras tiveram uma bela lição de vida. Espero que tenham aprendido a não julgar as pessoas pelo estereótipo que o 'Datena' prega, cotidianamente, em nome da audiência. É a mídia prestando um grande desserviço à sociedade!



A pelada

Na minha adolescência, joguei muita pelada de rua. Hoje, estou mais nostálgico. A pelada de rua sempre é a mais gostosa de todas as peladas. Tem sabor especial, com uma pitada que incendeia a molecada. E a pelada é o jogo mais democrático que existe. Joga gordo, magro, alto, baixo, preto, branco, bom de bola, ruim de bola, pobre, rico. Joga todo mundo. Quem estiver na rua naquele momento, joga. Não tem essa de não jogar. É chegar, sentar e esperar a vez de entrar em time. A diversão é o maior objetivo. Geralmente são dez minutos ou dois gols. O time que fizer os dois gols em dez minutos vai ficando em campo. Para maior equilíbrio dos times os melhores jogadores são separados, ficando em times diferentes. Além da diversão, assim o jogo fica mais equânime para todos os times. Mas, há sempre os mais habilidosos.

Quando eu jogava pelada de rua, tinha um tal de Lula que era disputado por todos os times. Ele gostava de jogar no time dos sem camisas. Ele falava que os sem camisas eram mais livres, mais alegres. E esse time do Lula foi virando o campeão das peladas. Na pelada tem um detalhe muito importante, que esqueci de mencionar. Geralmente, o dono da bola, é o cara mais chato, ruim de bola e também o riquinho do bairro. Ele sempre é o último a ser escolhido. O Lula, como era muito bom de bola, escolhia o time e sempre colocava esse cara dono da bola. Como ele não atrapalhava muito ia ficando no time.

Só que nossa pelada foi ganhando nome, saindo do bairro e até disputando campeonatos municipais. Daí, pra disputa de campeonatos estaduais foi um pulo. E sempre ganhando.

Um belo dia fomos convidados para disputar o campeonato nacional de peladas. E, na final, o Lula, de novo ele, fez uma bela jogada. O jogo tava truncado. Os dois times estavam com o meio de campo fechado. O Lula pegou a bola no meio de campo, driblou um, dois, três, jogou de baixo das pernas de outro, deu um drible da vaca na pequena área e um tozinho por cima do goleiro. Um golaçooo mermão!!!! O Lula era o cara! E estávamos ganhando com os pés nas costas, como se diz. Pra nosso azar, o Lula machucou e não voltou para o segundo tempo. No seu lugar entrou um jogador mais voluntarioso, que não tinha sua habilidade, nem sua ginga. Além de tudo isso, o dono da bola ficou puto de não ter sido chamado pra substituir o Lula, pois ele era o capitão do time.

Ele era um garoto assim, meio marrento, e no segundo tempo do jogo, em um golpe de covardia, pegou a bola e saiu correndo. Pegou a bola debaixo dos braços e sumiu no mundo. Ficamos todos boquiabertos. Em um golpe baixo, ele acabou com a partida. Ninguém entendeu nada. A torcida gritava enfurecida, mas, infelizmente, não tínhamos bola reserva. Bola reserva pra pelada de rua? Isso não tinha.

Perdemos aquela partida por WO. Como o nosso time era o mais querido pela torcida apaixonada e aguerrida lá do nosso bairro, e de bairros vizinhos, não paramos de jogar. Ao contrário. Uma vez peladeiro, sempre peladeiro. Nosso amigo não tinha ideia do que ele fez. Até torcida adversária veio nos dar força, veio incentivar. Ele acabou nos fazendo um dos times mais queridos de pelada de rua, daqueles tempos. Teve até torcida que marcou protesto em frente à casa dele contra o golpe baixo.

Ele não sabia que o nosso espírito é de peladeiro. Uma pena! E nem quando um time profissional de burocráticos entra em campo, achando que ganhou a torcida, que o jogo tá definido, não desistimos. É bom ele ficar temerário, pois ainda não deram os noventa minutos.



A mulher do batuque

Sorte daqueles que têm lembranças e um lugar para retornar. Esses são felizes e nem sabem. E falando em lembranças, lembrei-me de minha avó. Dona Adelina se dizia mulher do batuque. Isso mesmo, mulher do batuque. E batuques dos bãos. Pra ela, batuque era sinônimo de música boa. Gostava do Gilberto Gil, da Gal, do Cartola, do Michael Jacson, Sá e Guarabyra, Rubinho do Vale, Lô Borges e muitos outros.

Tinha gosto a danada. *Summertime* era uma de suas músicas prediletas. Ela pedia para colocar na vitrola que tínhamos na sala de casa. Era uma pessoa de hábitos e de uma sabedoria ímpar, que trouxe do Vale do Jequitinhonha, “lugar de gente que nasce pra vencer na vida”. Ela atravessou todos os desafios e criou seus próprios caminhos.

Um belo dia ela fez um pedido, desses em cima da hora. Ouviu no rádio que haveria um show do Sá e Guarabyra, no Teatro da Cidade, em Belo Horizonte. E não deu mais sossego!

Mais será que ainda tinha ingresso pro show? Era um sábado de primavera, com céu azul bonina, ruas com gente pra todo lado, fumaça de churrasco, rock, samba e rap rolando nas casas do bairro. E lá fui eu atrás dos ingressos.

Enfim, consegui! E como ela ficou feliz. Nem sabia a saga que foi pra conseguir essas duas entradas.

Colocou a melhor roupa, botou perfume e lembrou-se da

sua mãe, lá no Vale do Jequitinhonha, quando tinha festas populares e batuque bão. Ela era pura alegria. Estava em êxtase.

Chegamos ao teatro, que estava lotado. Ela nem se incomodou, ficou olhando maravilhada pro grande saguão de entrada. E dizia pra mim: “Hoje vai ter batuque do bão”.

Começa o show. Seu olhar estava vidrado em cada acorde, em cada melodia. Batia palmas, cantava junto. Ela não se continha. Que felicidade! Quanta alegria!

Na oitava ou nona música viria um acústico, voz e violão. Uma música mais intimista, uma melodia que falava ao coração. A música requeria um silêncio de todos no teatro. Foi quando minha avó Adelina começou a tossir. Isto mesmo! A tossir alto, a tossir continuamente. E as pessoas começaram a virar em direção à tosse, para tentar visualizar aquela pessoa, aquele incômodo... O show prosseguiu e foi um belíssimo espetáculo.

Estávamos de saída, quando uma pessoa da organização do evento veio até nós e disse que o Sá e o Guarabyra gostariam de conhecer minha avó Adelina. No início ela não entendeu, depois não continha em si de tanta felicidade.

E foi falando, falando e gesticulando ate o camarim. Tirou foto, ganhou beijos, abraços, autógrafos. Aí o Sá perguntou :

- A senhora gostou do nosso show?

Ela parou, pensou, respirou fundo, viu que todos estavam olhando pra ela, deu um belo sorriso e disse:

- Gostei muito. Seus batuque é dos *bão*!

Eles sorriram e ela também.



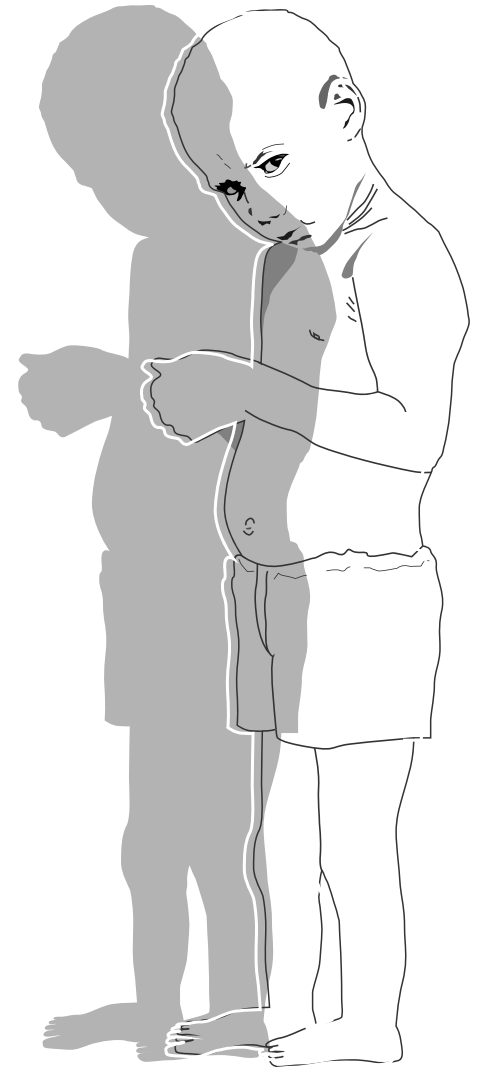
Sobre o autor

Rubens Giaquinto é músico e ativista cultural belo-horizontino, faz Licenciatura em Educação Musical pela UEMG, é compositor, vocalista e guitarrista da banda Professor Colcheia e atua como professor de guitarra e teoria musical e também como produtor artístico e executivo em vários eventos culturais. Idealizador do projeto “Movimento dos Sem Palco”, que cria oportunidade para novos talentos, é presença ativa na cena alternativa mineira.

Sua trajetória é marcada pelo diálogo com os movimentos sociais, na busca pela democratização do conhecimento e da história da arte, estreitando os laços entre a política e a música, principalmente nas periferias e bairros de classe média, acessando a juventude e trazendo-a para o debate de suas realidades através da música.

Sua experiência e afeição pela música e pelas causas sociais o levaram a criar, juntamente com sua banda, o projeto "Contando a História do Rock Brasileiro" que é apresentado como atividade extraclasse em escolas da região metropolitana e centros culturais de Belo Horizonte, buscando a descentralização da cultura e o desenvolvimento da educação através do rock como forma de entretenimento e ativismo social. O projeto vem criando oportunidades para lapidar novos talentos, dando primazia aos alunos da periferia, que, por meio da participação de concursos feitos dentro das escolas, podem mostrar suas aptidões em participações profissionais nos shows da banda Professor Colcheia.

Desde a adolescência vem retratando suas experiências sociais e musicais através da escrita e esta compilação de crônicas é seu primeiro livro a ser publicado.



Este livro foi impresso em papel Reciclato 240g/m² para a capa e papel Offset 120g/m² para o miolo, com projeto gráfico de Poliana Guimarães, pela Cérbero Edições, em impressora ecotank, com montagem artesanal e tiragem de 100 exemplares, na cidade de Belo Horizonte, em 15 de março de 2018.